



ANO 15 Nº 2  
Fevereiro de 2006

# Carta de Conjuntura FEE

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
Secretaria da Coordenação e Planejamento  
FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA  
Siegfried Emanuel Heuser

## Desafios para o comércio exportador gaúcho

Embora tenha ocorrido uma importante diversificação na pauta de exportações estadual, ainda hoje ela exibe uma grande concentração nas vendas de produtos dos complexos soja, fumo, couros e calçados e carnes de aves. Chama atenção, também, que essas mercadorias são muito distintas quanto ao grau de transformação industrial. De um lado, aparecem os calçados, de outro, as *commodities* “puras”, o fumo, as carnes de aves e a soja, exportadas com baixo grau de transformação industrial. O preço médio dos calçados pode equivaler a 30 vezes o das 10 principais mercadorias exportadas e, mesmo, a 100 vezes o da soja em grãos. Mas até as *commodities* “puras” apresentam discrepâncias importantes quanto ao preço de exportação, favorecendo a produção intensiva do fumo e das aves e penalizando a extensiva, a da soja.

Já o Brasil exibe uma pauta de exportações bem mais diversificada do que a do Rio Grande do Sul. País de dimensões continentais, com abundantes recursos naturais, suas exportações refletem a diversidade das produções regionais e o crescimento da agropecuária baseada na incorporação recente e acelerada da fronteira agrícola nacional. Isso explica a presença dos produtos da lavoura permanente (café, açúcar, sucos de laranja, frutas tropicais), e da extração mineral (minério de ferro) nas vendas externas, lado a lado com exportações crescentes da lavoura temporária (soja) e da pecuária bovina de corte — perfil que torna o dinamismo das exportações no curto prazo menos dependente das restrições de natureza física e das oscilações do mercado.

Outra diferença, e esta é fundamental entre os dois perfis exportadores, diz respeito às densidades de valor das mercadorias exportadas. O preço médio das exportações do Rio Grande do Sul é muito superior ao nacional. A diferença é maior ainda com relação, por exemplo, ao dos 20 ou 50 primeiros produtos comercializados.

A forte dependência do comércio exportador do Rio Grande do Sul em relação a uns poucos complexos produtivos e a exportações relativamente densas em valor (fumo, calçados e aves) o tornam muito sensível a variações das condições de produção e de mercado no curto prazo (vejam-se, no ano de 2005, por exemplo, os resultados da quebra dramática da safra da soja sobre as exportações). Mas é possível antever problemas também de sustentabilidade do crescimento do comércio exportador baseado no padrão histórico de crescimento. Fronteira agrícola esgotada para expansão agropecuária, concorrência crescente da agropecuária com a dos cerrados ao norte e no centro do País, escalas de produção incompatíveis com a produção de *commodities*, repetidos fatores climáticos adversos a prejudicar a lavoura temporária, anúncios recentes sobre realocação de plantas industriais de soja, fumo e calçados em outros estados da Federação, concorrência crescente no mercado de calçados com países emergentes, tudo isso aponta o esgotamento do padrão atual de crescimento do comércio exportador. Em meu entender, as alternativas de expansão do setor no longo prazo passariam pela “descommoditização”, isto é, pelo aumento do valor adicionado às mercadorias atualmente exportadas como matérias-primas, pela diversificação da pauta de exportações em termos de produtos e destino geográfico das vendas e, finalmente, pela questão mais complexa e importante, a busca da inserção do Estado na economia internacional, apoiada crescentemente em vantagens competitivas, isto é, em exportações de mais alto conteúdo tecnológico.

Relação entre os preços médios das exportações do Rio Grande do Sul e os do Brasil — 1989-2005

|                           | (US\$/t)    |             |             |             |             |
|---------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| PRODUTOS                  | 1989        | 1994        | 1999        | 2004        | 2005        |
| 20 primeiros colocados .. | 5,43        | 6,48        | 7,12        | 5,94        | 7,62        |
| 50 primeiros colocados .. | 4,80        | 5,51        | 5,53        | 4,72        | 5,31        |
| Demais produtos .....     | 1,82        | 1,34        | 1,43        | 1,34        | 1,64        |
| <b>Geral</b> .....        | <b>3,28</b> | <b>3,45</b> | <b>3,75</b> | <b>3,29</b> | <b>3,83</b> |

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Funcex.

Maria D. Benetti (FEE/CEES)

## Gás carbônico (CO<sub>2</sub>) no consumo de energéticos não renováveis, no RS

Em 2000, o Rio Grande do Sul gerou 22,3 milhões de toneladas de CO<sub>2</sub>, oriundas do consumo de energéticos não renováveis (derivados do petróleo, gás natural e carvão mineral). Isso representou 8,6% das emissões desse gás no Brasil, uma participação superior à do PIB do RS no PIB nacional que foi de 7,70%. Estudo prospectivo (cenários tendenciais elaborados pelo grupo de energia da FEE) sobre os requerimentos de energéticos não convencionais, com base em supostas taxas de crescimento para a economia brasileira, em 2020, de 2,5%, 3,5% e 4,5%, estima acréscimos respectivos de 42,4, 54,0 e 66,7 milhões de toneladas de CO<sub>2</sub>, o equivalente a crescimentos da emissão de gases, relativamente ao ano 2000, de 89,7%, 141,6% e 198,3%.

Se, para eliminar a massa de carbono contida no CO<sub>2</sub> gerado pelos combustíveis não renováveis consumidos no RS, em 2000, mediante seqüestro do C, seriam necessários 1,5 milhão de hectares de florestas médias, para o ano de 2020, os cenários apontam áreas estimadas em 2,9 milhões, 3,7 milhões e 4,5 milhões de hectares de florestas médias respectivamente. Isso leva a pensar na necessidade urgente de se garantirem áreas de florestas manejáveis, que complementem as já existentes, para que o gás carbônico seja seqüestrado em prol de um equilíbrio entre a natureza e as ações antropogênicas em nosso Estado.

## O crédito no Brasil, em 2005

Em 2005, estatísticas do Bacen indicaram que o saldo total das operações de crédito do sistema financeiro nacional atingiu, em dezembro, R\$ 606,9 bilhões, significando um crescimento de 25,9% no ano. Como resultado, a relação desse agregado com o PIB chegou, em dezembro último, a 31,3% (em dezembro de 2004, havia atingido 27,0%). A expansão do volume de crédito foi a tônica de 2005 e sempre esteve condicionada ao desempenho das operações contratadas com recursos livres, notadamente pessoas físicas (crescimento de 21,1% em relação a 2004), com ênfase para as modalidades de crédito pessoal e de aquisição de bens, sendo que, no último caso, se destacou o financiamento para aquisição de veículos.

Em relação às operações de créditos consignados em folha de pagamento, foi observada desaceleração nas concessões, no segundo semestre do ano, mas, mesmo assim, considerando o acumulado no ano, a expansão dessa modalidade foi de 91,7%.

Apesar do bom desempenho do crédito em 2005, a sua relação com o PIB, no Brasil, ainda é muito reduzida, se comparada à de países desenvolvidos (G-7), onde ela ultrapassa os 120%. Em países emergentes, como Coréia do Sul e Malásia, essa razão é superior a 100%.

Total de CO<sub>2</sub> gerado no RS pelo consumo de energéticos não renováveis, para diferentes cenários tendenciais da economia brasileira — 2000, 2010 e 2020

| TAXAS ESTIMADAS DE CRESCIMENTO DA ECONOMIA BRASILEIRA (a.a.) | GERAÇÃO DE CO <sub>2</sub> NO RS (t) |            |            | Δ%<br>2020<br>2000 |
|--|--------------------------------------|------------|------------|--------------------|
|  | 2000                                 | 2010       | 2020       |                    |
| 2,5  | 22 364 054                           | 29 555 908 | 42 428 549 | 89,71761           |
| 3,5  | 22 364 054                           | 32 648 226 | 54 026 750 | 141,5785           |
| 4,5  | 22 364 054                           | 36 029 565 | 66 704 616 | 198,2671           |

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Departamento de Contabilidade Nacional do IBGE.  
 Balanços Energéticos do RS, 1979-2000.  
 IAE - Internacional Energy, 1994.

**José Enoir Loss (FEE/CEES)**

Evolução da participação das operações de crédito no sistema financeiro, segundo a origem dos recursos, no PIB do Brasil — jan.-out./05

| MESES   | CRÉDITOS SEGUNDO A ORIGEM DOS RECURSOS |                  | TOTAL (%) |
|---------|--|------------------|-----------|
|         | Livres (1)                             | Direcionados (2) |           |
| Jan.    | 17,5                                   | 9,7              | 27,2      |
| Fev.    | 17,7                                   | 9,7              | 27,4      |
| Mar.    | 18,0                                   | 9,7              | 27,7      |
| Abr.    | 18,4                                   | 9,7              | 28,1      |
| Mai.    | 18,6                                   | 9,7              | 28,3      |
| Jun.    | 18,9                                   | 9,8              | 28,8      |
| Jul.    | 19,4                                   | 9,9              | 29,3      |
| Ago.    | 19,8                                   | 10,0             | 29,8      |
| Set.    | 19,9                                   | 9,9              | 29,8      |
| Out.(3) | 20,2                                   | 10,0             | 30,2      |
| Nov.(3) | 20,5                                   | 10,1             | 30,7      |
| Dez.(3) | 20,9                                   | 10,4             | 31,3      |

FONTE: Bacen.

NOTA: Estimativa do Banco Central para o PIB dos 12 últimos meses, a preços do mês assinalado, a partir de dados anuais do IBGE, com base no IGP-DI centrado.

(1) Inclui os dados da Circular nº 2.957, de 30.12.1999, e das sociedades de arrendamento mercantil e cooperativas de crédito, dentre outras. (2) Refere-se a créditos a taxas de juros administradas. (3) Dados preliminares.

**Edison M. Moreira (FEE/CEES)**



Tenha acesso a esta e a outras  
 publicações em  
 nossa Home Page  
[www.fee.rs.gov.br](http://www.fee.rs.gov.br)

**Carta  
 de  
 Conjuntura FEE**

## O emprego formal em 2005: pena maior para o RS

A geração de empregos formais no Brasil apresentou um nítido sinal de desaceleração ao longo de 2005, confirmado com o resultado final do ano. Os dados do **Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED)** do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) revelam uma expansão de 5,09% no estoque de empregados com carteira, em 2005, com um saldo líquido entre admitidos e desligados de 1.253.981 postos de trabalho, 17,67% inferior ao resultado de 2004, quando foram geradas 1.523.276 vagas no mercado formal. Contrastando-se as taxas de variação mês a mês do último ano com as do ano anterior, verifica-se que, com exceção de janeiro, abril e dezembro, todos os outros meses lograram variações menores em 2005 frente a 2004. Os piores resultados setoriais em 2005 ocorreram na agropecuária — o único setor que eliminou postos (-1,00%) — e na indústria de transformação — o que menos cresceu (3,01%) —, enquanto os melhores foram no setor serviços, no comércio e na construção civil.

No RS, o mercado de trabalho formal teve o segundo pior desempenho do Brasil, na frente apenas do Mato Grosso, que acusou decréscimo. No Estado, registrou-se um modesto incremento de 1,42%, pela incorporação de 26.263 trabalhadores, muito abaixo do alcançado em 2004 (6,67%). Dentre os setores mais representativos sob o enfoque do emprego com vínculos, o destaque negativo ficou por conta da construção civil e da indústria de transformação, que perderam contingente de trabalhadores frente a 2004 — -3,71% e -2,73% respectivamente.

Além disso, o processo de criação de empregos no Brasil esconde um mecanismo perverso de rebaixamento salarial: a remuneração média dos trabalhadores admitidos, no País, em 2005, era 88,62% da dos desligados, enquanto, no RS, era 88,10%.

Evolução do emprego formal, por setor de atividade econômica, no Brasil e no Rio Grande do Sul — 2005

| SETORES   | BRASIL                       |                                     | RIO GRANDE DO SUL            |                                     |
|---|------------------------------|-------------------------------------|------------------------------|-------------------------------------|
|   | Saldo (admitidos-desligados) | Variação do Emprego em 12 Meses (%) | Saldo (admitidos-desligados) | Variação do Emprego em 12 Meses (%) |
| <b>TOTAL (1)</b> .....                            | 1 254 057                    | 5,09                                | 26 262                       | 1,42                                |
| Extrativa mineral .....                           | 9 530                        | 6,24                                | -166                         | -3,25                               |
| Indústria de transformação .....                  | 177 548                      | 3,01                                | -17 060                      | -2,73                               |
| Serviços industriais e de utilidade pública ..... | 13 533                       | 4,43                                | 1 201                        | 7,42                                |
| Construção civil .....                            | 85 053                       | 8,44                                | -2 521                       | -3,71                               |
| Comércio .....                                    | 389 815                      | 6,98                                | 18 298                       | 4,61                                |
| Serviços .....                                    | 569 705                      | 5,87                                | 27 379                       | 4,51                                |
| Administração pública .....                       | 21 599                       | 3,07                                | 543                          | 1,03                                |
| Agropecuária, extrativa vegetal, caça e pesca     | -12 878                      | -1,00                               | -1 410                       | -1,92                               |

FONTE: CAGED/MTE.

(1) No total das atividades foi incluído o setor "outros".

Maria Isabel H. da Jornada (FEE/CEES)

## A balança comercial do RS em 2005

O saldo comercial do RS, em 2005, alcançou US\$ 3,761 bilhões. Diferentemente do Brasil, cujas vendas externas se elevaram 22,63%, as exportações gaúchas cresceram apenas 5,82%; e, enquanto as importações do Estado aumentaram 26,49%, as do País ampliaram-se 17,06%.

O aumento das exportações gaúchas deveu-se ao desempenho dos produtos manufaturados, que aumentaram 16,05% em relação a 2004, já que os básicos e os semimanufaturados registraram redução nas vendas de 8,02% e 1,81% respectivamente, devido, principalmente, à forte diminuição nas exportações de soja em grão e de óleo de soja em bruto, afetadas pela estiagem e pela queda nos preços externos.

O fumo foi o mais importante produto básico exportado pelo Estado no ano de 2005 e beneficiou-se do aumento tanto nos preços quanto na quantidade. No caso dos semimanufaturados, destacaram-se os couros e a celulose, ambos

com variação positiva. Quanto aos produtos manufaturados, a liderança continuou com os calçados, que, apesar do recuo nas quantidades embarcadas, tiveram um aumento nos preços capaz de compensar a perda no volume. Os tratores — segundo lugar no *ranking* dos manufaturados exportados pelo RS — tiveram aumento tanto na quantidade quanto nos preços.

Em relação às importações, o forte crescimento nas compras de produtos básicos deveu-se à elevação no preço do petróleo, enquanto o acréscimo na entrada de manufaturados pode ser explicado, em parte, pela aquisição de automóveis e microprocessadores. Dentre os semimanufaturados, destacaram-se as compras de cloreto de potássio e uréia, apesar de ambos terem registrado queda na quantidade.

Balança comercial do RS — 2005

| FATOR AGREGADO                        | EXPORTAÇÕES            |              | IMPORTAÇÕES            |              | SALDO                  |
|---------------------------------------|------------------------|--------------|------------------------|--------------|------------------------|
|                                       | Valor (US\$ FOB 1 000) | Δ% 2005/2004 | Valor (US\$ FOB 1 000) | Δ% 2005/2004 | Valor (US\$ FOB 1 000) |
| <b>Básicos</b> .....                  | 3 243 191              | -8,02        | 2 744 473              | 46,06        | 498 718                |
| <b>Industrializados (A + B)</b> ..... | 7 073 879              | 13,15        | 3 947 733              | 15,71        | 3 126 146              |
| Semimanufaturados (A) .....           | 995 755                | -1,81        | 302 509                | -6,30        | 693 246                |
| Manufaturados (B) .....               | 6 078 124              | 16,05        | 3 645 224              | 18,01        | 2 432 900              |
| <b>Operações especiais</b> .....      | 136 614                | 35,36        | -                      | -            | 136 614                |
| <b>TOTAL</b> .....                    | 10 453 684             | 5,82         | 6 692 205              | 26,49        | 3 761 479              |

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC.

(Teresinha Bello (FEE/CEES))

## A estiagem, a produção e a produtividade da lavoura gaúcha

A economia do Rio Grande do Sul apresentou retração de 4,8% em 2005. Metade dessa taxa (2,4%) deve-se à agropecuária, que, participando com 16% na estrutura da economia, teve um crescimento notoriamente afetado pela estiagem, de -15,2%.

A lavoura representou 62% do valor de produção agropecuária, e 34% originou-se da produção animal, cabendo o resíduo às demais atividades do setor.

A lavoura gaúcha decresceu 21,2%. As principais culturas (que conjuntamente representam 84% do valor produzido) apresentaram taxas decrescentes de produção em 2005, em relação a 2004, conforme tabela. O milho e a soja destacaram-se pelas maiores quedas (-56,0% e -55,9% respectivamente), seguindo-se feijão (-43,9%) e trigo (-21,4%). Mesmo aquelas culturas que conseguiram desempenhos satisfatórios em suas produções, no ano de 2004 (arroz, fumo e uva), sofreram queda de produção em 2005.

Os efeitos da prolongada estiagem de dois anos são bem evidenciados nos casos da soja e do milho. A produção de soja foi de mais de 9,5 milhões de toneladas em 2003 e diminuiu para menos de 2,5 milhões em 2005, com um decréscimo de 74,5% nesse período. Ou seja, produziu-se, em 2005, apenas pouco mais de um quarto do que havia sido produzido em 2003. Da mesma forma, o milho, que, de uma produção de 5,4 milhão de toneladas em 2003, caiu para 1,4 milhão, com decréscimo de 72,6%. Considerando que essas duas culturas corresponderam a 21% do valor de produção da lavoura, tem-se uma idéia da sua repercussão no desempenho da agricultura gaúcha.

O arroz e o trigo são casos específicos, pois o primeiro é cultura irrigável, e o segundo, cultura de inverno. O arroz acusou queda significativa de preços nesse período, diminuindo o reflexo positivo do bom desempenho em sua produção, em 2004. Segundo a FGV, em dez./03, o preço do arroz no RS era de R\$ 0,76/kg; em dez./04, R\$ 0,53/kg; e, em set./05, último dado disponível, R\$ 0,41/kg. No caso do trigo, também houve queda de preços, e, além disso, ocorreu significativa redução da área plantada (-24,9%) em 2005.

A análise da produtividade mostra outro ângulo da crise agrícola. Em 2005, dos produtos citados, somente o trigo teve crescimento de produtividade (4,7%). Nos dois últimos anos, a soja foi a cultura que mais perdeu produtividade — de 2,67 toneladas por hectare em 2003 passou a 1,40 em 2004 e a 0,66 em 2005, ou seja, variação de -75,4% no período 2003/05 —, seguida pelas de milho (-59,9%), feijão (-21,9%), trigo (-14,8%) e mandioca (-13,7). Salienta-se que, em 2004, o ganho de produtividade do arroz foi de 24,3% e que, em 2005, não houve ganhos.

A perspectiva para o ano de 2006 é de crescimento na agricultura gaúcha. A meteorologia não indica clima adverso como o dos dois últimos anos, a base de comparação é baixa, e as previsões de demanda de produtos agrícolas, tanto interna como externa, são de aumento. Cabe ressaltar, entretanto, que os agricultores se encontram em situação econômica bastante precária, dadas as perdas recentes sofridas.

Quantidade produzida e produtividade dos principais produtos da lavoura gaúcha — 2003-05

| PRODUTOS      | QUANTIDADE PRODUZIDA |       |             |                         |              |              | PRODUTIVIDADE |      |             |                       |              |              |
|---------------|----------------------|-------|-------------|-------------------------|--------------|--------------|---------------|------|-------------|-----------------------|--------------|--------------|
|               | Volume (1 000t)      |       |             | Taxa de Crescimento (%) |              |              | Volume (t/ha) |      |             | Taxa de Crescimento % |              |              |
|               | 2003                 | 2004  | 2005<br>(1) | 2005<br>2004            | 2004<br>2003 | 2005<br>2003 | 2003          | 2004 | 2005<br>(1) | 2005<br>2004          | 2004<br>2003 | 2005<br>2003 |
| Arroz .....   | 4 697                | 6 338 | 6 107       | -3,7                    | 34,9         | 30,0         | 4,9           | 6,1  | 6,1         | -0,0                  | 24,3         | 24,3         |
| Feijão .....  | 138                  | 134   | 75          | -43,9                   | -3,0         | -45,6        | 0,9           | 1,0  | 0,7         | -29,5                 | 10,8         | -21,9        |
| Fumo .....    | 322                  | 483   | 430         | -10,9                   | 50,0         | 33,6         | 1,6           | 2,1  | 1,8         | -15,6                 | 28,5         | 8,4          |
| Mandioca .... | 1 315                | 1 235 | 112         | -9,9                    | -6,1         | -15,5        | 14,8          | 14,0 | 12,8        | -9,0                  | -5,2         | -13,7        |
| Milho .....   | 5 426                | 3 377 | 1 485       | -56,0                   | -37,8        | -72,6        | 3,8           | 2,8  | 1,5         | -45,4                 | -26,6        | -59,9        |
| Soja .....    | 9 579                | 5 542 | 2 447       | -55,9                   | -42,1        | -74,5        | 2,7           | 1,4  | 0,7         | -53,1                 | -47,6        | -75,4        |
| Trigo .....   | 2 396                | 2 061 | 1 620       | -21,4                   | -13,9        | -32,4        | 2,3           | 1,8  | 1,9         | 4,7                   | -18,7        | -14,8        |
| Uva .....     | 489                  | 697   | 612         | -12,2                   | 42,4         | 25,1         | 12,7          | 17,3 | 14,4        | -16,5                 | 36,0         | 13,5         |

FONTE: IBGE/PAM.

(1) IBGE/LSPA, dez./05.

Sérgio Fischer (FEE/CIE)

CARTA DE CONJUNTURA FEE (elaborada com informações até 29.01.06).

ISSN 1517-7262

A Carta de Conjuntura FEE é uma publicação mensal de responsabilidade dos editorialistas. As opiniões não exprimem um posicionamento oficial da FEE ou da Secretaria da Coordenação e Planejamento.

Tiragem: 1.200 exemplares.



Fundação de Economia e Estatística  
Siegfried Emanuel Heuser

Presidente: Aod Cunha de Moraes Junior

Diretor Técnico: Álvaro Antônio Louzada Garcia

Diretor Administrativo: Antonio Cesar Gargioni Nery

Conselho Editorial da Carta: Álvaro Antônio Louzada Garcia, Adalberto Alves Maia Neto, Octavio Augusto Camargo Conceição e Roberto da Silva Wiltgen.

Núcleo de Dados: Marilene Gauer (coordenação), Ana Maria de Oliveira Feijó e Jussara Lima do Nascimento.

Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser  
Rua Duque de Caxias, 1691 - Porto Alegre  
CEP 90010-283

E-mail: conjuntura@fee.tche.br  
www.fee.rs.gov.br

Editoração

Supervisão: Valesca Casa Nova Nonnig.

Revisão

Coordenação: Roselane Vial. Revisores: Breno Camargo Serafini, Rosa Maria Gomes da Fonseca, Sidonia Therezinha Hahn Calvete e Susana Kerschner.

Editoria

Coordenação: Ezequiel Dias de Oliveira. Composição, diagramação e arte final: Cirei Pereira da Silveira, Denize Maria Maciel, Ieda Koch Leal e Rejane Maria Lopes dos Santos. Conferência: Elisabeth Alende Lopes e Rejane Schmitt Hübner. Impressão: Cassiano Osvaldo Machado Vargas e Luiz Carlos da Silva.